

Escrita de si: fios que se
(des)tecem em uma gradação de
cores em Carolina Maria de
Jesus

Fabiana Rodrigues Carrijo⁴⁸

Universidade Federal do Goiás (UFG)

Recebido em: 31/03/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

Este ensaio investigou, a partir de uma análise teórico-metodológica repousada nos aportes da AD francesa, como um sujeito de um discurso constitui sua subjetividade através do exercício de uma *escrita de si*. Ele elencou as singularidades desta *escrita de si*, especialmente, por intermédio de dois dos diários íntimos de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo* (1960) e *Diário de Bitita* (2007). Os estudos apresentados, neste trabalho, intencionaram discutir o narrador-personagem como um sujeito da escrita que se vale dela com o intuito de preservar o dia vivido na esperança blanchotiana de que se deve anotar para preservar e preserva-se para não passar incólume. Esta problemática do sujeito, relacionada com o produto de sua escrita, foi tomada por meio dos estudos apresentados por Foucault a partir das noções de escrita de si. Neste exercício de análise discursiva de um corpus de base literária, a partir de noções foucaultianas e de algumas notações temáticas de outros campos teóricos (como da crítica literária e dos estudos bakhtinianos), deliberou-se que a constituição do sujeito em várias posições-sujeito se produziu na e pela contradição: nem totalmente delator, nem propriamente porta-voz dos excluídos.

Palavras-chave

Escrita de si. Discursividade literária. Carolina Maria de Jesus.

⁴⁸ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora adjunta, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Autora de diversos capítulos e artigos científicos na área de letras/linguística. Pesquisadora convidada de grupos de pesquisas. No momento, encontra-se envolvida com a editoração de seu primeiro livro (de crônicas) denominado: *Contratos de amor lacerados*. E-mail para contato: facarrijo@gmail.com.

1 O diário como tentativa de serenar a solidão, acobertar-se da loucura e atenuar o perigo da morte: alguns arremates

Acreditamos que não só a composição formal de um diário deve se constituir em alguns alinhavos deste ensaio, mas ainda a natureza intrínseca do diário enquanto tentativa de escapar-se à loucura, fugir à solidão e evadir-se do desespero de ‘não ter nada a dizer’. Assim, mais que apontar a estrutura do diário⁴⁹ é cogente o que viemos apontando ao longo desta pesquisa de que o diário idêntico ao que dissera Blanchot (2005), atenuaria o perigo da solidão, aferiria a possibilidade daquele que se encarrega de anotar o dia, a possível garantia de se constituir nas fissuras/nas fendas do dito e recompor no presente (no momento da escrita no diário) os fatos passados e remendar a natureza intrínseca de um sujeito ou ainda a individualização de um sujeito.

Neste aspecto, Carolina acaba por confidenciar os sentimentos controversos que lhe constituem, embora não tenha plena consciência deles. Esta contradição, conforme já dissemos, é visível/apreensível na materialidade linguística nos relatos inclinados de revolta, tristeza, solidão, agonia, denúncia, desesperança e miséria.

Cumpre-nos dizer que ao construir um diário, aquele que o faz se vale da tentativa de recorrer às lembranças e, (re)compor o passado, ou aquilo que dele ficara retido. Assim, tenta constituir um mosaico de si, por meio de um exercício de si, nos moldes aqui arazoados. Neste caso, poderíamos aventar que a construção do diário é mobilizada por efeitos da memória enquanto prática para a constituição de uma subjetividade que se acode da tarefa de juntar remendos do passado no momento presente (de construção do diário). Ao vincular, por meio da escrita cotidiana, a tentativa de construção de um espaço para desafiar a morte, preservar-se do esquecimento, aquele que o faz se mune de processos intermitentes entre a memória e o esquecimento. É neste exercício entre ambos (memória e esquecimento) que o diário vai sendo tecido com a sensação iminente de que aquele que escreve afasta a solidão e preenche os dias com a ilusão de ‘escrever para não morrer’.

Blanchot acresce que o diário “está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer” (BLANCHOT, 2005, p.275). Seguindo este raciocínio, diríamos que Carolina cataloga na pauta do cotidiano as dores por ter se ‘iludido’ com os homens e restar com três filhos; lamenta um amor (os sentimentos amorosos por

⁴⁹Diário concebido como texto cíclico (o início pode ser o fim e, este por sua vez, aquele), com datas indicativas da passagem inexorável do tempo; escrito em primeira pessoa, com um confidente virtual (aquele que é, de certa maneira, confiado para que leia as confidências possíveis ou sequer as possa ler)!

alguém que não se fixa em lugar algum); arrola as fragilidades de uma administração pública; registra o abandono dos que não conseguem suprir suas necessidades primárias e saem em busca do propalados serviços sociais; elenca o cotidiano miserável; enfim, anota “para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tira contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar” (BLANCHOT, 2005, p.274).

Para o referido ensaísta e crítico literário, no diário “narra-se o que não se pode relatar. Narra-se o que é demasiadamente real para não arruinar as condições da realidade comedida que é nossa” (BLANCHOT, 2005, p.272); talvez, em função disso, o diário possa alimentar esta sensação quase dolorida de confabular o segredo tanto para aquele que se lança na empreitada de construir um diário, tanto aquele outro que atina que via diário/escrita terá acesso à natureza intrínseca de uma confissão. Confissão, neste caso, não na assumpção de uma culpa, mas na ordem da declaração de um possível segredo.

Carolina Maria de Jesus confessa/escreve ‘para não se perder na pobreza dos dias’ e intenta preservar os dias vividos, sob a garantia de tê-los passado para o papel. Segundo ainda Blanchot: “Escrevemos para nos salvar das esterilidades”. “Escrevemos para nos lembrar de nós” (2005, p.275). Neste aspecto, o da tentativa de permanecer por *il filo di tempo* ou da pretensão de nos lembrar de nós, haja nos diários de Carolina, sobretudo em *Quarto de Despejo*⁵⁰, uma discursividade que diz do quarto de despejo e da tentativa de um sujeito de alçar, pela escrita, outro lugar, não entre os favelados, mas na sala de estar.

Voltando à escrita de si nos dizeres foucaultianos, poderíamos ainda aventar a possibilidade de proferir que, no caso de *Quarto de Despejo* seria uma *reescrita de si* ininterrupta. “Recomece e diga a verdade” (FOUCAULT, 2011, p.70). E onde estaria a verdade, senão na iminência possível do equívoco? É e será este o exercício empreendido pelo sujeito discursivo, contabilizar os dias miseráveis, realizar o saldo de sua solidão, quando, costumeiramente à noite, no cárcere de seu quarto de despejo (o espaço privado) realiza como tarefa diária escriturar o dia, aliás, os dias vividos, os sonhos ambicionados e a realidade experimentada em toda a sua aridez.

De acordo com as pontuações de Foucault:

[...] A confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer confissão, impõe-na, avalia-a, e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar, um ritual onde a

⁵⁰ A partir deste momento o título da obra será substituído pelas iniciais QD, com indicação apenas da página.

verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (FOUCAULT, 2011, p.70-71).

Se obtemperarmos sobre a *escrita de si em QD*, possivelmente atentaremos para uma reescrita de si, cíclica e ininterrupta, pois ao se pensar nos cadernos encardidos e amarelecidos pela ação do tempo inexorável, observa-se, aliás, traceja-se um movimento oriundo da posição-sujeito de resgatar as memórias e/ou as nuances de respingos de memória e de esquecimento a gerir os seus dias miseráveis e os de seus vizinhos.

A partir do texto de Foucault sobre a escrita de si (2009)⁵¹, criamos uma espécie de neologismo para suscitar que a escrita de Carolina é uma *reescrita de si*, já que ao sondar seu interior, ela tenta apreender recortes de uma infância, de uma menina-moça e de uma mulher sob o crivo de uma memória discursiva singularizada por todas as suas inscrições sociopolíticas e históricas, como em Diário de Bitita (2007)⁵². Os dizeres de uma posição-sujeito (desventurado e pretense escritor) constituem-se em clarões em meio a estilhaços de revolta, amargura, denúncia e inalterabilidade dos dias, em QD.

É por intermédio da *reescrita de si* que o leitor, o sujeito, a receber e julgar a confissão, familiariza-se com os dias imutáveis de uma das posições sujeito – aquela que se encarrega do relato. Contudo, a despeito da inalterabilidade dos dias, existe a recursividade ao uso dos motes românticos na composição do relato. Assim, há uma instância enunciativa que se vale, prontamente, do estilo romântico ao escriturar e inventariar algo sofrível: sua extrema miséria e a de seus irmãos de cor e de sina:

(3)_ Deus que ajude os homens do Brasil! E chorava, dizendo: _ O homem que nasce escravo e morre chorando. Quando eles nos expulsaram das fazendas, nós não tínhamos um teto decente; se nos encostávamos num canto, aquele local tinha dono e os meirinhos nos enxotavam. (...) O que favorece é que vamos morrer um dia e do outro lado não existe a cor como divisa; lá predominarão as boas obras que praticamos aqui (DB, p.68).

(4)Havia os pretos que morriam com vinte e cinco anos: de tristeza, porque ficaram com nojo de serem vendidos. Hoje estavam aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar (DB, p.69).

(5)A escravidão era como cicatriz na alma do negro (DB, p.70).

⁵¹ O livro de Foucault *O que é um autor?* é resultante de uma seleção de textos do autor reunidos sobre a problemática do sujeito e a sua relação com a escrita. Trata-se de uma de suas inúmeras conferências e traz a participação de alguns debatedores, entre eles: Maurice de Gandillac, Lucien Goldmann, J. Ullmo que realizaram algumas contribuições/questões durante a conferência que resultou nesse livro.

⁵²A partir deste momento o título da obra será substituído pelas iniciais DB, com indicação apenas da página.

(6)O povo era revoltado porque seu sonho era aprender a ler para ler o livro de Castro Alves. Os negros adoravam o Tiradentes em silêncio. Se um negro mencionasse o nome de Tiradentes, era chicoteado, ia para o palanque para servir de exemplo. Para os portugueses, o Tiradentes era o secretário do diabo. Para os negros, ele era o ministro de Deus (DB, p.70).

(7)Eu olhava o rosto de meu tio Joaquim. Um rosto triste como uma noite sem lua. Ele não sorria, nunca vi seus dentes. Ele era analfabeto. Se soubesse ler, poderia nos revelar suas qualidades intelectuais (DB, p.79).

(8)Com a insistência de mamãe, eu deixava o leito, ia aleluiar no regato, fitando a água que promanava do seio das pedras cor de chumbo e era sempre tépida. A brisa perpassava suavemente. Eu aspirava os perfumes que exalavam as flores silvestres (DB, p.159).

Nos enunciados supracitados evidenciam-se alguns ‘clarões’, para recorrermos aqui aos vocábulos foucaultianos, delineadores de uma posição-sujeito que, ao se inscrever em determinadas condições sociais, políticas, ideológicas e econômicas, passa a enunciar sobre as singularidades desse lugar, entremostrando as dores que acometem aos negros nesse país de que foram obrigados a: 1) sair do seu lugar de origem, vivendo permanentemente em uma diáspora; 2) de que não possuem um lugar onde morrer, se encostarem a exemplo dos vegetais que assim o têm; 3) de que são infelicitados, injustiçados e que nem sequer podem lamentar seus ais, suas queixas; 4) de que foram desapropriados e viraram propriedades alheias, quer sejam, de outrem, dos brancos e ricos.

No enunciado (6), são materializadas algumas formações discursivas em torno da escravidão, do poeta Castro Alves e da figura de Tiradentes que trazem para o sujeito discursivo um imaginário coletivo em torno de cada um dos léxicos apresentados. Castro Alves, sabidamente, o poeta dos escravos, já mencionado (em interdiscurso) em outros enunciados de QD e DB por esse sujeito discursivo. Talvez por isso, o sujeito discursivo inscrito em uma dada formação discursiva relate que, para os negros ao verbalizarem o nome de Tiradentes, seriam açoitados por terem dito algo impróprio já marcado historicamente por todas as inscrições atribuídas a este líder popular. O jogo de palavras ‘Tiradentes – o secretário do diabo x o ministro de Deus’ evidencia as formações discursivas de pertença ou não a este ou aquele lugar. Essas formações discursivas materializadas nos enunciados supracitados dizem da escravidão e das condições escravocratas. Os corpos são marcados exemplarmente e ao negro restava amar Tiradentes em silêncio. Acrescentaríamos que este sujeito discursivo está inscrito em uma história, em um lugar social, político que lhe autoriza certos dizeres e não outros. Diz dos sonhos de outrem que era ser alfabetizado para ler o livro de Castro Alves e diz, ainda, que os negros amavam em silêncio Tiradentes, já que amá-lo publicamente era interdito com o conseqüente castigo para o corpo.

A ideia da figura de Tiradentes como o ministro de Deus em oposição ao secretário do diabo indica uma formação discursiva em oposição à escravatura. Há por parte deste sujeito discursivo um desejo libertário que se inscreve a partir desta oposição. E aliada a esta ideia de liberdade, o desejo de conquista pela alfabetização/ pelo conhecimento que, de certa maneira, poderia, na acepção deste sujeito discursivo, viabilizar esta aquisição de liberdade materializada pelo enunciado: “Ele era analfabeto. Se soubesse ler, poderia nos revelar suas qualidades intelectuais”.

Nesse sentido, esse sujeito discursivo constitui-se nestas oposições, nestes lugares de poder e a partir de tentativas de prática de resistência. Talvez o desejo de ‘escrita de si’ configurar-se-ia ou instituir-se-ia como a possibilidade de resistir aos efeitos do poder e de não se sucumbir.

Em uma crescente de tons e entretons, a posição-sujeito tanto em QD quanto em DB, especialmente no primeiro evidencia as cores da amargura que envolvem os favelados, saem do roxo até chegarem ao preto. Não passa, evidentemente, pelo lilás, mas crê, ainda que o arco-íris fuja sempre, na possibilidade, ainda que remota, dos políticos desvendarem suas óticas e olharem, de fato, para as minorias, para os excluídos.

Desse modo, pela materialidade linguística elegida como *corpus* desta análise discursiva, observamos que o sujeito discursivo tenta mostrar que sua confissão é digna de nota e, por esta razão, digna de legitimidade; já que está falando em nome de uma classe, a dos desfavorecidos; enfim, daqueles que vivem nos quartos de despejo, nos entornos, embora não raras vezes, contraditoriamente, ameça acoimar as lambanças dos favelados, intitulando-se a apaziguadora, a porta-voz dos desamparados.

O tom de amargura, de tristeza é facilmente perceptível não só nos motes para a confecção de QD e DB, se constitui, ainda, em pauta para o relato das misérias, dos desmandos, da corrupção dos políticos que só retornam à favela de quatro em quatro anos; é também inventário da podridão e das mazelas humanas, tão prementes na atualidade, ainda que tenha transcorrido mais de meio século da publicação dessas obras.

Se a pauta para QD e DB são os sentimentos ignóbeis, a miséria em todas as suas acepções e nuances, como sonhar com outros matizes tão evidentes no arco-íris? Nesse sentido, a metáfora do arco-íris utilizada no QD é e será impossível, por isso a sensação apresentada quando criança e que a seguiu por toda a vida seja “o arco-íris foge de mim”. É impraticável uma tarde lilás, é inverossímil um final feliz; por isso, a indicação seja justamente aquela apresentada no último dia do diário que poderá em um processo cíclico ser também o reinício “**1 de janeiro de 1960** Levantei as 5 horas e fui carregar água (QD,182)”.

Desse modo e talvez pelas mesmas razões, o sujeito discursivo em sua antevisão admita que “Segui pensando: quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos” (QD, p.175). Na visão um tanto quanto equivocada, ou lerdada do ponto de vista do que era intitulado gosto estético em voga (na década de 1960), já que o sujeito-autor se valia de textos e informações tardias colhidas e angariadas aqui e acolá entre um lixo e outro, como saber do que era moda, do que era aceito e intitulado acadêmico, canônico, já que todas as informações já chegavam filtradas pelo tempo implacável?

Assim, inversamente, o sujeito discursivo apreensível por meio dos enunciados recolhidos de QD e DB ambiciona o belo interligado ao bom, ao justo, ao otimismo, à sala de estar, ao arco-íris, à tarde lilás, embora em seu relato, no relato dos que vivem no QD e DB só haja, de fato, sofrimento, miséria, tristezas e lamentos como a aproximá-los dos tons e semitons negros, pretos e roxos esboçados no decorrer dos relatos: “Cor roxa. Cor da amargura que envolve os corações dos favelados” (QD, 34). “Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia” (QD,44).

Na pauta do dia, a miséria tem cor, tem cheiro, tem som e se mistura aos excrementos da favela; aliás, que exalam da favela e dos favelados. Os mexericos se espalham feito o ciscar das galinhas que tudo revolvem por meio das bocas das mulheres que se encarregam de repassar e aumentar este ou aquele adereço deste ou daquele acontecimento. No inventário de QD, os amores são escorregadios e/ou têm asas nos pés feito o cigano pelo qual a personagem principal (para nos valermos aqui de categorias literárias) se apaixonara e vislumbrara que era e seria sempre impossível vivenciar este amor pois seria como agarrar o vento, seguir o vento, como agarrá-lo? Vejamos os enunciados:

(9) Parece que este cigano quer hospedar-se no meu coração (QD, p.146).

(10) Pensei: se eu estivesse sozinha dava-lhe um abraço. Que emoção que eu sentia vendo-o ao meu lado. Pensei: se algum dia eu for exilada e este homem indo na minha companhia, êle há de suavizar o castigo (QD, p.147)

(11) Para dissipar a tristeza que estava arroxando a minha alma, eu fui falar com o cigano. Peguei os cadernos e o tinteiro e fui lá (QD, p.148).

Não há como sonhar com o arco-íris, com a tarde lilás, (enquanto promessa de felicidade), não há como mudar de gênero, pois se o que apregoava a mãe: “passar por debaixo do arco-íris” era a condição *sine qua non* para a mudança e, assim, protagonizar o próprio relato de feitos heroicos, sempre representados por homens, era algo impossível; então, como conseguir tamanha façanha tão ambicionada pela posição-sujeito que emerge do enunciado que segue?

(12)...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da patria. Então eu dizia para a minha mãe:

_Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

_ Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem.

Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os politicos distante do povo (QD, p. 54-55).

O presente enunciado aponta para a constituição de um sujeito discursivo que faz emergir os sonhos como o lugar único para ser feliz. Por outras palavras, o sujeito do discurso parece entremostrar que só se é feliz nos sonhos – lugar possível; lá (nos sonhos desvendáveis ou não) pobre pode comprar terrenos, lá favelado é feliz, lá se espera e se crê no ‘bem querer’, crê-se ainda no futuro, lá se é feliz, simplesmente:

(13)Ela disse-me que só mesmo no sonho é que podemos comprar terrenos. No sonho eu via as palmeiras inclinando-se para o mar. Que bonito! A coisa mais linda é o sonho. Achei graça nas palavras da D. Angelina, que disse-me a verdade. O povo brasileiro só é feliz quando está dormindo” (QD, p.131-132).

Pelos enunciados supracitados, entremostra-se a posição de um sujeito discursivo que evidencia, aliás, diz de um lugar social, de determinada posição sócio-histórica em que se observa que, só no sonho não há luta de classes, mais valia, preconceito, discrepâncias, incompreensões, injustiça social, ambições, cobiças, concubinatos, ingratidões, promiscuidade, fome, miséria, desmandos. Nos sonhos uma tarde lilás, contrariamente, à realidade, será sempre possível. Assim, deveríamos alegar que, ao menos nos sonhos ou então na ordem do devir, do vir a ser, do tornar-se, Carolina – enquanto sujeito-autor – populariza o gênero discursivo (diário) no Brasil e no exterior que havia sido reconhecido aprioristicamente por homens e, altamente, escolarizados.

Destarte, uma tarde lilás se não é da pauta do dia é da ordem do devir e, assim, inventaria um lugar possível para uma escritora que a despeito de suas singularidades, todas contrárias às melhores previsões, expõe uma singularidade do viver rechaçado pela dor e, a despeito dessa dor, presentifica a condição da mulher negra, semiescolarizada, favelada, mãe solteira e provedora do lar. É esta mulher que relatará as mazelas dos favelados e de seus iguais.

Carolina Maria de Jesus, ao ser, ininterruptamente, constituída sujeito de um discurso, desvela sua constituição histórica, sua inscrição sociopolítica, entre outros lugares possíveis. Um deles já comentados nos parágrafos anteriores, quando apresentávamos o cobiçado desejo de uma das posições-sujeito de ser homem, já que sempre havia lido nos relatos que os grandes feitos históricos eram protagonizados por homens. Daí, seu impulso

primeiro e genuíno tenha sido, tivesse sido, desejar ser homem, ainda que, inocentemente, almejassem passar por debaixo do arco-íris, condição *sine qua non* apresentada por sua mãe para, de fato, ser aquilo que não era e que, por razões óbvias, jamais seria: homem. Portanto, não preenchia duas condições imperativas, aliás, tomadas como tais (em seu lugar social) para ser escritora: ser homem e detentora de um saber intitulado escolarizado.

Os enunciados lançados mão para esta análise discursiva trazem a marca do posicionamento de um sujeito que tenta falar pela maioria. Se esta voz só se fez audível em um circunscrito momento editorial, e/ou até de camuflada popularização cultural no Brasil, quando então se apregoava aos quatro ventos o desejo, o limitado desejo de dar voz às minorias, ainda que presas por um aparelho ideológico e político cordato, esse posicionamento figura, tempos depois e, até mesmo, enquanto efeitos de uma exterioridade, como uma autora que terá certa visibilidade, tornando-se sazonalmente uma autora de um best-seller. Estes são feitos, aliás, são realizações que mostram em devir⁵³, os desdobramentos, as singularidades de uma autora que, embora não tivesse recebido os acenos da crítica literária aspirados como legítimos, como reconhecedores do talento, dos esforços de Carolina Maria de Jesus, (des)velam, enquanto recepção que autora e obra foram acolhidas.

Referências:

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A conversa infinita: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.

CARRIJO, Fabiana Rodrigues. No ensaio da ‘escrita de si’: a escritura rasurada de Carolina Maria de Jesus. In: **Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos**. (Orgs) Wellisson Marques, Maria Aparecida Conti, Cleudemar Alves Fernandes. Uberlândia: EDUFU, 2013, Linguística IN FOCUS, 9) p.121-149

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 7 ed. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009.

⁵³ Devir na acepção dada por Deleuze de que “é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão ‘o que você está se tornando?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos” (DELEUZE, 1998, p. 3).

_____ A vida dos homens infames. In: ___. **O que é um autor?** 7 ed. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009. p. 87 a 126.

_____ A escrita de si. In: ___. **O que é um autor?** 7 ed. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009. p.127 a 158.

_____ **História da Sexualidade 1: A vontade de saber.** Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011.

Página |
143

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo – diário de uma favelada.** V. 1 da Coleção Contrastes e Confrontos. São Paulo: Oficinas Gráficas de Linográfica Editora Ltda , 1960 .

_____ **Diário de Bitita.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2007

MATHIAS, M.D. Autobiografias e diários. In: Revista Colóquio/Letras. Ensaio, nº143-144, janeiro 1997, p.41-62. Disponível em: <http://coloquio.gulbendian.pt./sirius.exe/explore>. Acesso em: 29 de dez de 2011.

WRITTEN OF IS: WIRES THAT FEST IN A GRADING O COLORS IN CAROLINA MARIA DE JESUS

Abstract

This essay investigated, from a theoretical-methodological analysis based on the contributions of the French AD, as a subject of a discourse constitutes its subjectivity through the exercise of a written of itself. He listed the singularities of this writing, especially through two of the intimate diaries of Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo* (1960) and *Diário de Bitita* (2007). The studies presented in this paper intend to discuss the narrator-character as a subject of writing that uses it with the intention of preserving the day lived in the Blanchotian hope that one must note down to preserve and preserve itself to not pass unscathed. This problematic of the subject, related to the product of his writing, was taken through the studies presented by Foucault from the notions of self-writing. In this exercise of discursive analysis of a corpus of literary bases, based on Foucaultian notions and some thematic notations from other theoretical fields (such as from literary criticism and Bakhtinian studies), it was decided that the constitution of the subject in various subject positions Was produced in and by the contradiction: neither totally delator, nor properly spokesman of the excluded.

Keywords

Writing from himself. Literary Discursivity. Carolina Maria de Jesus. Discourse Analysis. Foucault.